

APRESENTAÇÃO

O dossiê sobre Luciano, cuja segunda parte se publica neste número, tem como origem o colóquio realizado em 2009, em Ouro Preto, sobre “Luciano e a tradição luciânica”. A intenção foi tomar a produção de Luciano da perspectiva tanto da tradição que ele inaugura, quanto da tradição em que se inclui, tendo como perspectiva o que ele próprio declara em diferentes textos.

Com relação ao primeiro aspecto, lemos em *Filopseudes* que os efeitos da audição ou leitura de histórias fantásticas equivalem à mordida de um cão raivoso, pois “não só contraem a raiva (...) aqueles que os cães raivosos mordem, mas, se a alguém o homem que foi mordido morde, a mordida pode o mesmo que a do cão”.¹ Também em *Nigrino*, agora com relação ao discurso do filósofo, é a mesma figura da raiva que se transmite de mordido a mordido que retorna, “pois você sabe que os que são mordidos pelos cães raivosos não só eles próprios se tornam raivosos, mas, se em sua loucura eles põem alguns outros no mesmo estado, também estes ficam fora de si”, pois “algo da afecção se transmite junto com a mordida, a doença se propaga e a transmissão da loucura torna-se grande”.² Pode-se dizer que é assim que a tradição luciânica se institui e transmite, tendo como marca – nas palavras de Machado de Assis – “a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos céticos e desabusados”.³

Da segunda perspectiva, é ainda em *Nigrino* que se lê que o discurso do filósofo produzira no narrador “aquela afecção dos feácios” encantados diante da fala de Ulisses.⁴ Isso parece uma indicação preciosa de que a tradição na qual Luciano pretende incluir-se remonta a Homero, o que, aliás, se esclarece melhor quando, retomando o exemplo de

¹ *Filopseudes* 40.

² *Nigrino* 38.

³ Cf. de Assis, M. *Obra completa*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986, p. 294.

⁴ Cf. *Odisseia* IX, 333-4.

Ulisses entre os feácios, em *Narrativas verdadeiras*, ele afirma que seu ponto de partida são “alguns dos antigos poetas, historiadores e filósofos que escreveram muitas coisas prodigiosas e fabulosas”, garantindo, contudo, que “príncipe e mestre deles” foi o Ulisses de Homero.⁵ Dizer Homero, neste caso, supõe implicar toda a tradição, o que parece ser a marca por excelência do modo luciânico de escrita: não que outros não dependam dos escritores que os antecedem, pois, afinal, é assim, como uma rede, que literatura e cultura se organizam e manifestam, mas o que ressalta é justamente o fato de que Luciano deseja enfatizar sua dívida para com a tradição – com “homenagens”, como hoje se diz, a Homero, a Platão, aos cômicos e ao “antigo cão Menipo”, para citar apenas as mais frequentes – de modo a que o leitor construa o entendimento esperado da obra.

Os colaboradores desta segunda parte do dossiê sobre Luciano são: Jean-Luc Vix, com texto sobre as *prolaliai* do autor grego; Matías Sebastián Fernández Robbio, que propõe colaboração sobre os períodos hipotéticos nos epigramas atribuídos a Luciano; Valentina Popescu, com artigo em que se discute a estética do paradoxo nas *prolaliai* do mesmo escritor; Lúcia Sano, que escreve a respeito da alegada presença de prazer e *theoría* nas *Histórias verdadeiras*; Helvio Moraes, com contribuição a respeito de Francesco Patrizi e suas críticas, no Renascimento italiano, à concepção historiográfica do “burlesco” em Luciano; Edson Arantes Júnior, que trata do opúsculo *Héacles*, do mesmo autor, e os temas identitários suscitados; Olimar Flores Júnior, que procura esclarecer em seu artigo “Luciano e o Cinismo: o caso Alcidas” as relações entre Luciano e o cinismo, como escola filosófica.

Na seção *Vária*, que extrapola o âmbito do dossiê sobre Luciano, estão incluídas algumas produções atinentes a outros e distintos aspectos da cultura antiga e medieval: César Sierra Martín propõe um artigo sobre a discutida questão das causas da Guerra do Peloponeso, que teve no historiador grego Tucídides seu mais importante intérprete; Eduardo Pacheco Freitas analisa as relações entre a filosofia escolástica e o desenvolvimento do gótico na Europa da Idade Média; Paulo Martins estuda o esboço da imagem de Cícero, a partir do *êthos* do rétor depreensível de sua obra e Evandro Luis Salvador elabora uma nova tradução do trecho inicial da tragédia *Suplicantes* (1-41), de Eurípides.

Diante do espectro variado de interesses e especialidades dos colaboradores deste número de *Nuntius Antiquus*, decerto não faltará

⁵ *Narrativas verdadeiras* I, 2-3.

aos interessados em Luciano de Samósata ou em alguns outros tópicos da Antiguidade ou do Medievo a oportunidade de se informar sobre diferentes temas e interpretações e aguçar, assim, a própria curiosidade.

Desejamos, então, a todos os leitores, leituras a um só tempo informativas e prazerosas.

Editores deste número de *Nuntius Antiquus*
Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão
Prof. Dr. Matheus Trevizam
Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção
Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa